

As causas económicas das guerras

A *Cura das Nações e as Fontes ocultas da sua Luta*, tal é o título do livro publicado recentemente pelo grande filósofo e poeta socialista inglês Eduardo Carpenter. Como muitos actos e palavras que nos vieram de Inglaterra desde o começo do conflito, este livro é impregnado duma firmeza e duma calma que se impõem. Sente-se que o autor não perdeu a cabeça, nem o desconcertaram completamente acontecimentos que há muito eram de prever. Por isso a história da guerra não começa para ele com o ultimato da Austria à Sérvia e a questão de saber a quem cabe a responsabilidade da abertura das hostilidades tem-na ele como secundária.

Seja qual for a amplitude da conflagração actual, não passa dum episódio da luta económica e social muito mais vasta, que acompanha a involução do sistema capitalista. Os acontecimentos actuais demonstram a evidência que este sistema, baseado sobre a concorrência ilimitada dos apetites, se solicita algumas actividades pelo engodo do ganho, não é capaz nem de aplicar racionalmente os imensos recursos e os conhecimentos não menos vastos de que dispõe a humanidade, nem de garantir aos indivíduos, além duma certa segurança, a possibilidade de desenvolver a sua actividade em proveito da comunidade, retirando dela ao mesmo tempo uma satisfação pessoal.

É fora de dúvida que esta guerra tem antes de tudo causas económicas, causas que foram complicadas com motivos de ordem sentimental, preconceitos inveterados, favorecidos pela ignorância, velhos ódios de raças, rancores hereditários, actuando mais como alavancas das massas do que como causas eficientes.

Se necessário fosse abrir os olhos para o que a tal respeito se diz, bastar-me-ia citar o extracto seguinte dum jornal financeiro, cujo autor não pensava em fazer a critica do sistema social existente, mas apenas em explicar aos seus leitores as vantagens que a guerra oferecia sob o ponto de vista dos empregos de capital:

«Examinando dum ponto de vista elevado as causas múltiplas que produziram a conflagração europeia, somos levados a reconhecer nelas o papel preponderante da gigantesca luta entre a Alemanha e a Inglaterra, a qual tomara o aspecto dum verdadeiro conflito de interesses.

Esta guerra apresenta-se, por consequência, a certos respeito, sob o aspecto duma imensa luta do capitalismo que, em virtude da concorrência industrial desenfreada entre as duas nações que aspiram á conquista do mercado mundial, viu todo o sistema actual da economia geral, e especificamente da produção e da troca, comprometido pela diminuição incessante da taxa de juro.

Era, pois, necessário deter a inevitável catástrofe; e a guerra foi, e será sempre o meio mais poderoso para reconduzir os lucros e juros do capital a um nível tal que a sua colocação seja remuneradora.

É também por este motivo que as rendas dos diferentes Estados baixaram e baixarão mais sem dúvida, a fim de elevar automaticamente a taxa do juro; e as novas emissões deverão ser feitas a uma taxa superior á taxa usada antes da guerra.

Carpenter não nutre ilusões nem se contenta com palavras. Sabe que em presença de tam complexos acontecimentos, os homens «satisfazem-se apanhando alguma bela frase, por mais superficial que seja, em guisa de explicação.»

Trata-se de achar uma frase «que coloque os seus próprios esforços sob uma luz ideal. Nenhuma nação pode lutar abertamente por um fim inferior. Cada nação inscreve na sua bandeira: «Liberdade, Justiça, Religião, Civilização contra Barbaria». E isso não é hipocrisia, mas uma necessidade psicológica, embora as nações, é natural, entre si se acusem de hipocrisia.»

não estivesse de acôrdo com a classe dos industriais e dos commerciantes que a prosperidade económica da Alemanha pôs á testa da nação. A ausência tam frisante de educação politica entre os intelectuais alemães, que tem persistido até hoje, suprime qualquer fiscalização no seio dessas classes dominantes.

NOTA DA RED.—E' dum artigo de Jacques Mesnil, intitulado «Lendo Carpenter» e publicado na *Bataille Socialiste* de 27 de Junho, que extrahimos as passagens acima.

Mesnil diz ainda que Carpenter, num belo esforço de objectividade, consegue pôr-se no lugar dos alemães ao estalar o conflito e que critica os erros e faltas do governo inglês com o mesmo desassombro e clareza de espirito empregados contra o governo alemão.

Em seguida, fala da liberdade de imprensa na Inglaterra neste momento, da soberba independência dos escriptores ingleses e da sinceridade do liberalismo britânico.

Humil Quanto a este sentimento, torcemos o nariz, duvidosamente. Preferiríamos dizer, em vez de sinceridade, habilidade—bastante forçada pelo poder e educação do público. E a censura da correspondência postal, certas medidas de salvação e de coacção, a ameaça feita por um ministro no parlamento de suprimir *The Labour Leader*, cuja linguagem é bem moderada, esses e outros factos fazem-nos duvidar da tal sinceridade.

Mesnil quis evidentemente dirigir uma censura indirecta á Censura prévia franceza e ao regime da mentira e do silêncio que impera em França. O confronto é humilhante.

Mesnil ainda acrescenta que, por causa dessa tradição liberal inglesa, «a ter de escolher, prefere a hegemonia da Inglaterra á da Alemanha na Europa». Também nós—a ter de escolher. Mas Mesnil não nos diz de que modo falamos a escolha e a preferência.

Intervindo na guerra ao lado dos Aliados? Ah! Isso não: o ganho seria inferior á perda. A guerra não é meio de defender o liberalismo. A attitude de opposição ou de revolução contra todos os governos e em favor da solidariedade internacional operária é ainda o melhor. E depois, á hegemonia da Inglaterra não é bem o mesmo que a hegemonia do liberalismo inglês.

Recordação histórica

No suplemento do jornal *L'Avant-Garde* de 29 de Junho de 1870 lê-se o seguinte:

Associação Internacional dos Trabalhadores
FEDERAÇÃO NAPOLITANA

Companheiros,
A redenção das terras irredeente (não redimidas) é o tema da agitação actual dos burguezes de Italia, que em solenes comícios procuram arrastar o povo em proveito das suas miras. Nada disso nos perturbe. Mostremos-lhes assim que, instruídos finalmente por tantas desilusões, compreendemos o valor de mistificações dessa ordem.

Companheiros,
Que os trabalhadores de Trento e de Trieste sejam escriptos dos capitalistas e esbirros alemães ou dos capitalistas italianos, é coisa para nós e para eles inteiramente indifferente. Os únicos que podem tirar algum proveito expõem-se ao canhão austriaco, são os nossos burguezes que verão talvez, graças ao nosso sangue vertido, alargar-se algumas milhas o campo do seu domínio. Nós, em vez de ser instrumentos da sua ambição e de desperdiçar as nossas forças, consagramo-las á redenção de toda a terra—da terra redenta e da irredeente.—consagramo-las á destruição do edificio que nos oprime—dos Estados—e a uma organização livre conforme aos principios do socialismo anarquista.

Companheiros,
Eis a revolução que interessa os trabalhadores de todos os países. Qualquer agitação de outro carácter só tende a rebater as cadeias com que os burguezes nos mantem encadeados e a mergulhar-nos cada vez mais na miséria e na ignorância. Tenha, pois, o acolhimento que merece.
Nápoles, Julho de 1878.

Pela Federação:
José Merlino, João Buonfantini, Nicolau Converti, João Dománico, Francisco Sicilianí, Tomás Sobettino.

Notas de perto

XV

Meu Caro C

Quando o camarada belga, G. Marin, de novo regressou á Inglaterra, alguns camaradas pediram-lhe impressões e notas acerca do que virá naquêlle pobre país. Extrahido de uma carta, eis o que elle disse, ha já mezes:

«Assisti á grande reunião internacional socialista que se realizou em Bruxelas para protestar contra a próxima guerra. Essa reunião effectou-se no maior salão da cidade, o Circo Rial; 8.000 pessoas do lado de dentro e cerca de 20.000 de fora, que não puderam entrar. Nunca vi uma tal multidão na nossa cidade, e nunca sonhei um tal entusiasmo em qualquer parte, especialmente na Bélgica. Presidiu Vandervelde. Keir Hardie falou em nome dos trabalhadores ingleses, Haase pelos alemães. Troelstra pelos holandeses, Rubanovitch pelos russos, Jaurés pelos franceses—esqueci os nomes de outros delegados (italianos, etc.). Rosa Luxemburgo estava lá, mas muito cansada para falar, e teve uma ovacção pela sua propaganda antimilitarista na Alemanha. Nem só socialistas e anarquistas lá estavam, mas muitos outros; e era com effeito muito engraçado ver a burguesia liberal e mesmo alguma conservadora implorar auxilio ás forças proletárias para que os salvassem do próximo perigo da guerra. Haase disse-nos que se tinham realizado, sómente em Berlim, vinte e sete comícios contra a guerra na noite anterior. O jogo porco dos capitalistas, occultando a situação em cada país, foi longamente revelado por cada um dos oradores. Jaurés afirmou que se o governo francès cometesse o concebido crime, o seu partido estava pronto para se recusar a marchar! Esta declaração foi recebida com hurrahs estrondosos e sem fim. Tal foi o espirito mostrado então, que nós esperavamos que os vários governos hesitariam em frente de tão determinada attitude da classe trabalhadora.

«Naquella noite e no dia seguinte numerosos grupos de populares passeavam por todas as ruas da cidade com dísticos nos chapéus ou nos casacos, com estas palavras: «Guerra á Guerra». Todos os belgas que interroguei, camponeses ou cidadãos, soldados ou civis, homens ou mulheres, estavam horrorizados com a idéa da guerra, e nem um se mostrou amedrontado pelo facto de terem de vir a ser governados por alemães, franceses ou ingleses, pois o que desejavam era paz. A bem conhecida falta de patriotismo entre os belgas não é infelizmente o resultado de uma má compreensão, mas de diferentes causas, que são: primeiramente, porque os belgas não tem linguagem nacional própria; daqui o nunca a classe dirigente ter conseguido crear uma verdadeira psicologia nacional, a despeito dos seus esforços pela educação e pela imprensa; segundo, por o Governo Clerical, eleito pela pluralidade do voto, ter deixado por algum tempo de representar a mais numerosa e especialmente a mais activa parte da população; terceiro, o temperamento não entusiasta dos belgas não dá bom suporte ao patriotismo. Aparte tudo isto, o partido socialista é muito forte em todas as partes industriais do país, e tem ensinado o povo a olhar como amigos para os seus camaradas trabalhadores estrangeiros, que tambem não seriam mais ou menos miseraveis debaixo de qualquer outro governo que não fosse aquêlle que eles estão suportando presentemente.

«Muito poucos dias depois da reunião, á meia noite, chegaram-nos as fataes noticias de mobilização geral. Estavamos então vivendo numa pequena casita de Wallow, a umas quinze milhas de Bruxelas. Ás quatro horas da manhã, partimos, tendo determinado voltar á Inglaterra. Nunca esqueceremos a vista desta pequena pobre aldeia, á noite: mães permanecendo á entrada das portas, segurando uma lanterna brilhante o suficiente para se lhe verem correr as lagrimas pelas faces. Este infeliz povo compreendia que tinha deixado os seus amados filhos

pela ultima vez. Tivemos que mudar de carro e de comboio muitas vezes. Cada estação e cada vagon estavam sobrecarregados com soldados. Numa pequena estação esforcei-me para conversar com eles: nem um precisava defender o seu país, o seu governo, a integridade ou a independencia belga. Nos comboios escutavamos as conversações. Estavam indignados com a idéa de ir «matar camaradas de miséria que lhe não tinham feito offensa alguma». Neste concerto de indignação eu não ouvi uma voz discordante. Porque, então, iam eles como um rebanho de carneiros para o matadouro? «Se não fôrmos, seremos fusilados», era a unica resposta que podiamos obter.

Compreenderei agora porque Vandervelde, cuja eloquência tinha feito dele o braço direito do Partido socialista na Bélgica, e que tinha presidido ao comício contra a guerra, foi inesperadamente nomeado Ministro de Estado, por cujo passo se tornou um traidor ao partido e vendeu a sua grande influencia ao Governo. Durante anos o seu designio era vir a ser ministro, e agora conseguiu-o. Mas tenho duvidas se elle inoculou o seu rebanho do mesmo vírus desde que partiu. Alguns refugiados belgas que vi ultimamente na Inglaterra, disseram-me que «a anexação da Bélgica pela Alemanha teria sido um cento de vezes mais preferível ao desastre que o país sofreu com a guerra; e que se os aliados realmente tinham qualquer compaixão pelos belgas, fariam muito melhor não começar de novo por amor ao rei Alberto e seus co-beneficiários».

A transcrição que hoje fiz é talvez um pouco longa para umas resumidas *Notas* que me propuz offerecer-te. Mas, apezar de escripta ha já quase um ano, achei tam útil que a conhecesses que me relevavas se não atingi o meu fim.

Falou-se, e fala-se tanto da invólucro daquele país, de attitudes louváveis e censuráveis de habitantes em evidencia, comparam tantos a sorte daquele país com a de que este, onde vivemos, um dia poderá vir a ter, que não cito, em tempo oportuno, a opinião de um belga acerca do que por lá aconteceu.

Vê agora como em poucas linhas o sargento W. A. Thompson do regimento 4.º Black Watch se refere á luta em Neuve Chappelle. Transcrevo do *Strathearn Herald*, de 3 de abril:

«Tomamos parte na grande batalha do dia 10 (março, creio). Foi a minha primeira experiencia desta especie e espero que será a última.

«...Mortos, moribundos e mutilados jazendo por toda a parte, tanto brancos como negros; soldados e maqueiros conduzindo feridos para a rearguarda. Tendo nós chegado recentemente e sido arremessado neste inferno, estavam mais ou menos fora de nós, e os camaradas mais novos ainda mais, pois que, enquanto repousavam por detrás dos parapetos, perdemos parte da nossa companhia, e os feridos foram tambem arrebatados... Reparei em alguns soldados ajoelhando e agradecendo ao Deus Poderoso (fiat e veras o trambulhão) por... Se o mundo permitir outra guerra Europeia, o Poderoso deveria varrer toda a população civilizada da face da terra, e deixar que os selvagens governassem.»

Depois destas apreciações que não são dos nossos, ainda nós, os que menos para as guerras contribuimos, devemos inclinar-nos para que a vitória ou a derrota seja sofrida por aliados ou hunos? Não te parece mais acertado que esse serviço seja prestado por quem com mais fé á pátria pode defender desde que nós proclamamos que o mundo é de todos e todos somos irmãos e repudiamos a idéa e o facto do mundo dividido em pátrias ao sabor de quem governa?

Creio que esta *Nota* já vai longa e receio massar-te demasiado e roubar espaço a outros nas columnas da *Aurora*. Fica por isso, para a próxima, a continuação da publicação das *Tabelas* da «World Peace Foundation».

Lisboa, 20-7-1915.

Teu

H. QUESARIO

Coisas históricas

19-1914—Os grupos anarquistas de Buenos Aires, promovem comícios públicos e manifestações revolucionárias nas ruas como protesto contra a carestia da vida e contra as odiadas leis de excepção.

20-1904—Em Montevideo começa a publicar-se uma revista anarquista com o título, *O Futuro*.

21-1872—Levados pelo seu fanatismo, os católicos tentam assassinar João de Witt, presidente da república holandesa; ficou apenas ferido.

22-1914—A greve geral de Petrogrado assume um aspecto violento por causa da acção das autoridades. Há várias colisões com os cosacos, resultando bastantes feridos de ambas as partes.

23-1818—Termina a sua existencia politica, a república de Pádua.

24-1913—Declaram-se em greve os mineiros de Aubin (França). Reclamam aumento de salário.

25-1914—São prohibidas, em diferentes cidades de Espanha, as manifestações em homenagem a Francisco Ferrer e de recordação da semana sangrenta.

Paraí com a guerra!

Sim, dizemos «Paraí com a guerra!» e de todos os homens das nações beligerantes teremos um eco ao nosso brado. A despeito dos censores civis e militares, sabemos que os povos da Europa estão fartos da horrível matança; e os governantes começam tambem a perguntar inquietos quando e como ella poderá ser sustida a tempos de elles salvarem os seus troncos. Na Rússia, o povo torna-se indolente; na Alemanha, principia a ver como foi logrado pelos seus dirigentes; em França, diz-se que a opinião é contra outra campanha de inverno; e no nosso país, já a imprensa não fala dumamarcha triumphal sobre Berlim. Mesmo na Italia—cujos estadistas acharam a peita dos Aliados mais vantajosa do que a dos austro-alemaes—já se foi começando á contralidade por uma imprensa mentirosa e em breve descobrirá a trapaça com que foi desencaminhado. Está, pois, maduro o tempo para uma activa campanha em favor da cessação da guerra, e esperamos que quantos comprehendem a tragédia deste horrível desperdício de vidas se lançarão na campanha com coragem e resolução.

Se aos soldados de todos os exercitos preguntássemos por que combatem, bem poucos nos sabariam dar uma resposta satisfatória. Após dez meses de combate e a despeito de todos os livros azuis e papéis brancos, e dos inúmeros artigos de jornais e revistas, e dos livros e folhetos, continuamos tam longe como estávamos de compreender os objectivos pelos quais lutam os governos dos diversos países. Uma coisa se pode dizer com absoluta certeza: nenhuma das classes trabalhadoras dos países em luta obterá o menor alívio da atroz labuta e miséria que são o seu quinhão habitual.

Imaginemos uma balança gigantesca na qual pesemos as perdas e ganhos da guerra até hoje. Num prato collocamos os três milhões de mortos e inválidos, no outro, que poréis vós para equilibrar aquillo? Mesmo esperando até ao fim da guerra, que podéis pôr no prato oposto para equilibrar essa massa pavorosa de sofrimento humano? Que pode compensar as lagrimas e a angústia das mães, viúvas e órfãos? Servirão acaso de bálsamo ao mutilado vãs palavras sobre a honra nacional vingada? Não! nada se pôde dar em troca, nada se pode ganhar que não seja fixado definitivamente em volta duma mesa. Por isso a continuação desta insensata carnificina é o crime mais estúpido da história e criminosos são todos os que para essa continuação actuam.

Sim, ouvimos á resposta: «Se paramos agora, seremos subjugados e esmagados». Tal não seria, porém, o caso. Todas as Potencias anseiam realmente por cessar, mas nenhuma se atreve a clamar: «Alto! basta!» Uma há-de gritar primeiro, e porque não há-de ser a Inglaterra? Ousemos, portanto. Não devemos esperar o bel-prazer dos governos. Foram elles que decidiram quando devíamos ser in-